

RBEMF

REVISTA BRASILEIRA DE ECONOMIA MONETÁRIA E FINANCEIRA

Número Especial – O “Tarifaço” de Trump | 2025

ISSN 3085-7643

Os Impactos da Política Tarifária de Trump no Brasil e no Comércio Internacional

Kesava Yasmim Silva de Menezes

Camilly Vitória Sobrinho Batista



Os Impactos da Política Tarifária de Trump no Brasil e no Comércio Internacional

Kesava Yasmim Silva de Menezes

Discente do curso de Economia da UFPA

E-mail: kesavasilva5d@gmail.com

Camily Vitória Sobrinho Batista

Discente do curso de Economia da UFPA

E-mail: camilybatista12@hotmail.com

Resumo

O artigo analisa os impactos da política tarifária do governo Trump sobre o Brasil e o comércio internacional, destacando o ressurgimento do nacionalismo econômico e do protecionismo. A adoção de tarifas unilaterais pelos Estados Unidos, especialmente sobre aço e alumínio, afetou negativamente a economia brasileira, gerando perdas expressivas e instabilidade comercial. Além disso, a fragmentação das normas e o enfraquecimento da OMC agravaram a crise do multilateralismo. O estudo ressalta a necessidade de estratégias proativas por parte do Brasil, como diversificação de mercados e fortalecimento de acordos regionais, diante de um cenário global cada vez mais volátil e imprevisível.

Palavras-Chave: Protecionismo, Guerra Comercial, Comércio Internacional, Política Tarifária

Abstract

The article analyzes the impacts of the Trump administration's tariff policy on Brazil and international trade, highlighting the resurgence of economic nationalism and protectionism. The adoption of unilateral tariffs by the United States, especially on steel and aluminum, negatively affected the Brazilian economy, causing significant losses and trade instability. Furthermore, the fragmentation of trade rules and the weakening of the WTO have deepened the multilateralism crisis. The study emphasizes the need for proactive strategies by Brazil, such as market diversification and strengthening of regional agreements, in the face of an increasingly volatile and unpredictable global trade environment.

Keywords: Protectionism, Trade War, International Trade, Tariff Policy

1. Introdução

A eleição de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos, em 2016, representou uma guinada na política econômica e comercial do país. Sob o lema "*America First*", sua administração resgatou práticas nacionalistas e protecionistas que, embora não fossem inéditas, foram intensificadas e sistematizadas em sua gestão. Como destaca Mendonça et al. (2020), esse movimento não representou uma ruptura, mas sim uma intensificação de tendências históricas da política comercial norte-americana, como já ocorrera em governos anteriores, como o de Ronald Reagan.

Nesse contexto, Ricupero (2002) antecipava a tendência do protecionismo seletivo dos Estados Unidos, que se aprofundou no governo Trump com a imposição de tarifas unilaterais em 2025. Esse movimento intensificou a fragmentação do comércio internacional, enfraqueceu a OMC e provocou reações significativas, como as retaliações da China (BARELLA, 2025a; 2025b), deixando economias como a brasileira ainda mais vulneráveis, especialmente em setores estratégicos.

BRESSER-PEREIRA (2018) insere o nacionalismo econômico adotado por Donald Trump no contexto do novo desenvolvimentismo, destacando a busca por autonomia produtiva e a proteção da indústria nacional. Nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo analisar os impactos da política tarifária implementada por Trump sobre o Brasil e o comércio internacional, abordando as motivações ideológicas e econômicas por trás dessas medidas, suas implicações para a economia brasileira e para a governança global do comércio, bem como os desafios e oportunidades que surgem para o Brasil diante da fragmentação das normas e da crescente imprevisibilidade nas relações comerciais internacionais.

2. Ascensão do nacionalismo econômico nos estados unidos

O nacionalismo econômico nos Estados Unidos, evidenciado na eleição de Donald Trump, é descrito por Mendonça et al. (2020) como uma intensificação de tendências históricas na política comercial americana, não uma ruptura. O discurso "*America First*" reflete uma política mercantilista e protecionista, que remonta a administrações passadas, como a de Ronald Reagan. Para os autores, o governo Trump revisa acordos multilaterais, impõe tarifas como pressão e busca reposicionar os EUA como uma potência global, priorizando não só vantagens comerciais imediatas, mas também liderança global em setores estratégicos.

Conforme Ricupero (2002), os Estados Unidos historicamente adotaram um discurso liberal no comércio internacional, ao mesmo tempo em que praticaram protecionismo seletivo, protegendo setores estratégicos por meio de ações unilaterais e multilaterais. Esse padrão foi intensificado durante a presidência de Donald Trump, especialmente em 2025, com a imposição de tarifas massivas, visando proteger a indústria doméstica da ascensão asiática. Essa abordagem, alinhada ao modelo de "protecionismo seletivo e discriminatório", agravou a fragmentação do sistema comercial internacional e enfraqueceu as instituições multilaterais, como a OMC. O Brasil, com sua dependência de commodities, enfrenta impactos negativos, como a dificuldade de expandir seu comércio global e a perda de sua inserção internacional.

CAMPOS (2018) vê o nacionalismo econômico de Trump como uma resposta à globalização e à falha da liberalização dos mercados. Ao proteger setores industriais e buscar a reindustrialização, Trump gerou tensões comerciais, mas esse protecionismo não é novo, pois os EUA mantiveram uma política tarifária alta por mais de um século, o que ajudou na ascensão do país como superpotência.

Em sua obra, Bresser-Pereira (2018) insere o nacionalismo econômico na tradição do desenvolvimentismo, que defende a autonomia produtiva e uma intervenção estatal equilibrada. Essa visão, compartilhada por pensadores como List e pelos defensores do novo desenvolvimentismo, questiona o *laissez-faire*, especialmente em países que buscam recuperar sua posição no cenário global competitivo e assimétrico.

3. Repercussões da política tarifária de trump sobre o brasil e no restante do mundo

A política tarifária dos Estados Unidos sob Trump gerou instabilidade no comércio global, afetando diretamente o Brasil. Santos et al. (2025) destacam que a reimposição de tarifas sobre o aço e alumínio prejudicou a indústria siderúrgica brasileira, com uma possível retração nas exportações de até 36,2% e perdas de até US\$ 1,5 bilhão. O setor também enfrenta a concorrência do aço chinês mais barato, devido à desaceleração da economia chinesa.

LEÓN (2025) observa que a guerra tarifária imposta por Trump é o maior choque no comércio internacional desde os anos 1930, elevando os custos de importação nos EUA, pressionando a inflação e gerando incertezas que afetam investimentos globais. Para o Brasil, mesmo com tarifas médias de 10%, os efeitos indiretos incluem a redução da demanda externa e a intensificação da volatilidade econômica.

A crise comercial tem gerado reações globais significativas. Barella (2025a, 2025b) aponta que a disputa EUA-China pode reduzir o PIB mundial em até 7%, impactando as cadeias produtivas, com uma retração prevista de 0,2% em 2025, conforme dados da OMC. A resposta chinesa foi imediata, com tarifas de até 34% sobre produtos americanos e sanções a empresas dos EUA, contribuindo para a instabilidade dos mercados.

No Brasil, a percepção sobre as medidas tarifárias dos EUA é de injustiça. Maia (2025) relata que o governo brasileiro considerou a sobretaxa de 10% sobre as exportações brasileiras injustificada, dado que os EUA historicamente mantêm superávits comerciais com o Brasil. Em resposta, o governo sinalizou a possibilidade de recorrer à OMC e reforçou seu compromisso com o comércio multilateral.

Por fim, Schreiber (2025) observa que, apesar de as tarifas sobre o Brasil serem menores do que as aplicadas a países como China, Índia e União Europeia, setores como aço, alumínio e autopeças foram mais penalizados, comprometendo sua competitividade. No entanto, especialistas veem oportunidades, como o redirecionamento das exportações brasileiras para a China e o avanço no acordo entre Mercosul e União Europeia.

4. Tensões na governança comercial internacional

O cenário recente das disputas tarifárias revela uma transformação significativa na governança do comércio internacional. Segundo Lau (2019), a guerra comercial entre China e Estados Unidos reflete a crise do multilateralismo, marcada pelo avanço de medidas unilaterais, como as tarifas recíprocas, que desestabilizam o comércio global e fragilizam instituições como a Organização Mundial do Comércio (OMC). A postura antiglobalista adotada pelos EUA contrasta com o discurso da China em defesa do livre comércio, configurando um ambiente de normas enfraquecidas que impõe novos riscos e desafios estratégicos a países em desenvolvimento, como o Brasil.

Nesse mesmo sentido, Santos et al. (2025), reforçam que a imposição unilateral de tarifas por parte dos EUA compromete os princípios do multilateralismo e a legitimidade da governança global do comércio. A justificativa baseada na Seção 232 para proteção da indústria nacional, embora usada pelos EUA, contraria as normas da OMC (que já se manifestou contra essa prática em decisões anteriores). O Brasil, diante disso, tenta equilibrar a manutenção de suas relações diplomáticas com uma defesa firme do diálogo multilateral como resposta à crise.

Complementando essa análise, León (2025), destaca que a guerra tarifária conduzida por Trump enfraqueceu significativamente a OMC, especialmente ao limitar sua capacidade de arbitragem. A obstrução dos EUA ao funcionamento do órgão de apelação da instituição reduziu sua eficácia na mediação de disputas, aprofundando a fragmentação das normas comerciais e incentivando políticas nacionalistas voltadas a ganhos imediatos, como superávits bilaterais.

A OMC vê com preocupação o “decoupling” entre China e EUA, que, segundo Barella (2025a; 2025b), ameaça dividir o comércio global. A recusa dos EUA em nomear juízes para o órgão de apelação enfraquece a instituição, embora, como destaca Ngozi Okonjo-Iweala, a maioria dos membros ainda valorize as regras multilaterais. A China, por sua vez, adota medidas regulatórias complexas e políticas industriais como o “Made in China 2025”, fortalecendo sua autossuficiência e transferindo a governança comercial de fóruns multilaterais para arenas bilaterais e setoriais.

As reações do Brasil às tarifas dos Estados Unidos demonstram uma tentativa de defesa econômica e reposicionamento estratégico. Maia (2025) e Schreiber (2025) indicam que o país denunciou as medidas como violações ao comércio internacional e considerou adotar mecanismos de reciprocidade, evidenciando um afastamento das instâncias multilaterais diante da postura unilateral dos EUA. No entanto, alternativas como os acordos regionais ainda enfrentam desafios políticos e institucionais.

Em suma, observa-se um enfraquecimento da governança multilateral do comércio, substituída por estratégias unilaterais e acordos seletivos. Esse cenário impõe desafios adicionais a países como o Brasil, que buscam preservar seus interesses em meio à fragmentação normativa e à crescente imprevisibilidade das relações comerciais internacionais.

5. Considerações finais

As tarifas unilaterais impostas pelos Estados Unidos em 2025, sob a gestão de Donald Trump, aprofundaram práticas protecionistas históricas e configuraram um marco disruptivo na ordem comercial internacional. Tais medidas impactaram diretamente setores estratégicos da economia brasileira, como aço, alumínio e autopeças, expondo fragilidades da inserção internacional do país e reforçando sua dependência de mercados tradicionais. Em nível global, as tensões entre Estados Unidos e China intensificaram a fragmentação normativa, enfraqueceram instituições multilaterais, especialmente a Organização Mundial do Comércio (OMC), e incentivaram o avanço de acordos bilaterais e práticas unilaterais.

Embora os setores industriais mais diretamente afetados tenham recebido maior atenção, é importante destacar que outros segmentos da economia brasileira, como o agronegócio, serviços e alta tecnologia, também sofrerão impactos devido à fragmentação normativa e mudanças nas cadeias produtivas globais. As respostas dos países às tarifas ainda estão em desenvolvimento, com a expectativa de novas medidas retaliatórias, fortalecimento de acordos regionais e reorganização das cadeias de produção. Esse cenário é marcado por volatilidade e imprevisibilidade, exigindo um acompanhamento constante das dinâmicas do comércio global e das estratégias dos principais atores econômicos.

Nesse cenário, torna-se fundamental aprofundar as análises sobre os efeitos econômicos dessas políticas tarifárias sobre o Brasil, especialmente por meio de abordagens quantitativas capazes de dimensionar impactos como a retração estimada de até 36,2% nas exportações brasileiras de aço e alumínio, com perdas próximas a US\$ 1,5 bilhão. Também se mostra necessário ampliar o olhar para setores ainda pouco explorados, sobretudo aqueles inseridos em cadeias globais de valor e no agronegócio, altamente suscetíveis às mudanças provocadas por políticas industriais estratégicas, como o plano “Made in China 2025”, que contribuem para a reconfiguração do comércio e da produção internacional.

Também se faz urgente o desenvolvimento de cenários prospectivos que considerem possíveis reações dos países afetados, incluindo retaliações comerciais, fortalecimento de acordos regionais e redirecionamento de fluxos comerciais, em um ambiente que já projeta uma retração de até 7% no PIB mundial em função das disputas comerciais. Por fim, cabe ao Brasil não apenas reagir de forma pontual às medidas protecionistas, mas adotar estratégias mais proativas, que envolvam diversificação de mercados, inovação tecnológica, fortalecimento de acordos regionais e uma participação mais ativa na redefinição da governança comercial internacional, buscando preservar seus interesses em um contexto cada vez mais fragmentado, competitivo e permeado por incertezas.

Referências

BARELLA, José Eduardo. China move sua peça. E, dessa vez, está mais pronta para a guerra comercial. NeoFeed, São Paulo, 04 abr. 2025a. Disponível em: <https://neofeed.com.br/economia/china-move-sua-peca-e-dessa-vez-esta-mais-pronta-para-a-guerra-comercial/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

BARELLA, José Eduardo. O "divórcio" entre EUA e China ameaça reduzir PIB global em 7%. NeoFeed, São Paulo, 2025b. Disponível em: <https://neofeed.com.br/economia/o-divorcio-entre-eua-e-china-ameaca-reduzir-pib-global-em-7/>. Acesso em: 18 abr. 2025.

BRESSER- PEREIRA, Luiz Carlos. Nacionalismo econômico e desenvolvimentismo. Economia e Sociedade, Campinas, SP, v. 27, n. 3, p. 853–874, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ecos/article/view/8657074>. Acesso em: 10 abr. 2025.

CAMPOS, Vladimir de Sousa. A ascensão de Donald Trump ao poder e seus reflexos para os Estados Unidos da América no campo das relações internacionais, 2018. Monografia (Especialização em Ciências Militares) – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/handle/123456789/3915>. Acesso em: 17 abr. 2025.

LAU, Lawrence J. The China-U.S. Trade War and Future Economic Relations. Hong Kong: The Chinese University Press, 2019.

MAIA, Gustavo. A reação oficial do governo Lula ao tarifaço que Trump impôs ao Brasil. VEJA, São Paulo, 2025. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/a-reacao-oficial-do-governo-lula-ao-tarifaco-que-trump-impos-ao-brasil/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

MENDONÇA, Filipe et al. "AMERICA FIRST BUT NOT ALONE": UMA (NEM TÃO) NOVA POLÍTICA COMERCIAL DOS ESTADOS UNIDOS COM DONALD TRUMP. Revista Tempo do Mundo, v. 5, n. 1, p. 107-141, 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/revistas/index.php/rtm/article/view/141> Acesso em: 17 abr. 2025.

LEÓN, Lucas Pordeus. Entenda a guerra de tarifas de Trump e consequências para o Brasil. Agência Brasil, Brasília, 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2025-04/entenda-guerra-de-tarifas-de-trump-e-consequencias-para-brasil>. Acesso em: 10 abr. 2025.

RICUPERO, Rubens. Os Estados Unidos e o comércio mundial: protecionistas ou campeões do livre-comércio? . Estudos Avançados, São Paulo, v. 16, n. 46, p. 7-18, 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9882>. Acesso em: 17 abr. 2025.

SANTOS, Ana Beatriz et al. Consequências do tarifaço de Trump para o Brasil. Observatório de Política Externa e da Inserção Internacional do Brasil, 2025. Disponível em: <https://opeb.org/2025/04/30/consequencias-do-tarifaco-de-trump-para-o-brasil/>. Acesso em 01 mai. 2025.

SCHREIBER, Mariana. Tarifas de Trump: Brasil pode sair ganhando com tarifaço dos EUA? BBC News Brasil, Brasília, 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c99px3d2p9ro>. Acesso em: 10 abr. 2025.